

A SELVA, DE FERREIRA DE CASTRO: UM PANORAMA PÓS-COLONIAL NA AMAZÔNIA.

Lucas de Moraes Mendes Ramos¹

RESUMO

Esse trabalho propõe uma análise do romance “A Selva”, do autor Ferreira de Castro, publicado em Portugal no ano de 1930, sob uma perspectiva de inversão de papéis. Podemos observar no romance em questão as opiniões e pensamentos de Alberto, um europeu que fugiu de seu país devido a seus posicionamentos a favor da monarquia, sobre brasileiros, bem como a sua posição no seringueiro onde trabalha, sendo tratado como um homem escravizado enquanto o seu patrão Juca Tristão, um brasileiro, exerce o papel de senhor. Sendo ele um europeu, o protagonista do romance não se reconhece em tal situação, muito menos como apenas mais um entre as dezenas de seringueiros que o rodeiam no “Paraíso”, seringueiro onde trabalha em Humaitá, no estado do Amazonas, às margens do Rio Madeira. Sobre isso, baseio-me na obra do autor palestino Edward Said, *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (2007), na qual o Ocidente categoriza os povos do Oriente como inferiores. No caso em apreço, Ferreira de Castro põe o seu protagonista (europeu) no lugar que sempre foi reservado ao outro, ao colonizado. As estruturas do Antigo Regime, colonial, cá estão no Brasil dos anos 30, à espera de Alberto, em meio à selva amazônica.

Palavras-chave: A Selva; Ferreira de Castro; Pós-colonialismo; Edward Said; Orientalismo.

¹ Mestrando no curso de Estudos Literários na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – lucasdm623@gmail.com;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a realizar a leitura do romance *A Selva*, do português Ferreira de Castro (1898 – 1974), sob uma perspectiva pós-colonial. A obra, publicada pela primeira vez no ano de 1930, em Portugal, é considerada por muitos como a produção literária mais importante do autor.

Ambientado na Amazônia brasileira ainda nas primeiras décadas do século XX, o romance de Ferreira de Castro nos narra a trajetória de Alberto, um jovem português de vinte e seis anos de idade que foge para o Brasil, mais especificamente Belém do Pará, devido aos seus posicionamentos políticos favoráveis à monarquia. A república fora proclamada em 1910 e o rei D. Manuel II recebera exílio em Inglaterra.

Sem alternativas devido à falta de dinheiro, Alberto é convencido por seu tio Macedo a trabalhar no seringal, na floresta amazônica, com a promessa de dinheiro fácil. Durante a viagem de Belém até o seringal Paraíso, no Amazonas, bem como também durante seus dias de trabalho na extração de látex, Alberto passa a sofrer as explorações e humilhações sofridas pelos brasileiros subalternos (subordinados) a Juca Tristão, homem rico e poderoso proprietário do seringal.

Com o objetivo de analisar trechos do romance através de um panorama pós-colonial, baseio-me na fundamental obra do teórico palestino Edward W. Said, *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (2007), onde o autor se debruça sobre a relação entre o Ocidente e o Oriente, este se traduzindo como os povos colonizados e vistos como o “outro” em vista daquele que é o “civilizado”. Ferreira de Castro, n’*A Selva*, reserva ao seu protagonista europeu o papel que sempre fora destinado ao “outro” diferente dele, ou seja, ao colonizado. Enquanto isso, a Juca Tristão, o brasileiro, é designado à posição de colonizador. Said escreve em seu texto que “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação [...]” (SAID, 2007, p. 32), e é sobre essa relação que tratarei nas seguintes páginas.

Sobre o autor e sua biografia, bem como informações sobre sua bibliografia, tomarei como base o texto introdutório escrito por Jaime Brasil, presente no primeiro volume da obra completa de Ferreira de Castro, publicada em 1959 pela editora José Aguilar e dividida em três tomos. É desta edição que tiro também as futuras citações d’*A Selva*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. FERREIRA DE CASTRO

Ferreira de Castro nasceu em maio de 1898 na cidade de Oliveira de Azemeis, ao norte de Portugal. Aos doze anos de idade o rapaz chega ao Brasil. Imigrante, de Belém do Pará, o pequeno Ferreira de Castro “foi exportado para o seringal do Paraíso, nas margens do Rio Madeira, onde passou quatro anos.” (BRASIL, 24, p. 1958). Lá, fora ocupado dos afazeres no armazém, uma vez que “sua idade não lhe permitia trabalhar nas rudes tarefas da colheita da borracha” (BRASIL, 1958, p. 24).

O escritor volta à Portugal após o findar da primeira guerra, em 1919, e, apesar de ter seus trabalhos publicados nos jornais do Brasil, teve dificuldades para estabelecer-se em seu país de origem, como podemos observar através das palavras de Jaime Brasil:

“Terminada a guerra de 1914-1918, Ferreira de Castro regressou a Portugal. Os seus primeiros tempos em Lisboa foram excessivamente duros. Não tinha aqui amigos nem apoios. Ninguém o conhecia. As suas atividades de jornalista e escritor no Brasil não tiveram eco em Portugal. Nem nos meios literários ou jornalísticos, nem fora deles, contava com relações que o amparassem. [...] Nos jornais de Lisboa, encontrava Ferreira de Castro a hostilidade que é de regra mostrar a todos os adventícios. Os cenáculos literários mantinham-se impenetráveis para esse rapaz pobre, desconhecido e concentrado.” (BRASIL, 1958, p. 28-29)

Em 1930, nos finais dias de abril, Ferreira de Castro publica aquela que talvez seja sua obra mais importante: *A Selva*. O romance é resultado de anos de experiências como seringueiro na floresta amazônica, mostrando-se, em certo ponto, como uma autobiografia do autor. A obra tornou-se um sucesso, uma verdadeira obra-prima, de acordo com a crítica, e já foi publicado em mais de vinte países ao redor do mundo.

“Ferreira de Castro é dos mais populares e traduzidos dos escritores portugueses, o que se deve ao fato de os dois romances que o mais consagraram resumirem, apesar de todas as limitações literárias, a sua própria dura experiência de emigração e sofrimento num seringal da floresta amazônica. Com efeito, toda a sua biografia até à consagração, mesmo unilinearmente contada como a conhecemos por amigos, equivale a um romance de infância pobre, engajamento para o Brasil, exploração desumana, miséria,

luta autodidática pela cultura, ascensão desde a literatura popular em fascículos [...] até ao jornalismo local [...] e finalmente o êxito nacional e internacional.” (SARAIVA; LOPES, 1975, p. 1106)

Faleceu no Porto, aos 76 anos de idade, em 1974, deixando uma importantíssima obra literária que foi, e segue sendo, traduzida, publicada e estudada ao redor do mundo.

2. EDWARD SAID

Edward Said foi um intelectual palestino nascido em Jerusalém durante o Mandato Britânico da Palestina, em 1935. Crítico literário, Said lecionou disciplinas de literatura durante quarenta anos na Universidade de Columbia, no estado de Nova Iorque, EUA. Foi parte do Conselho Nacional Palestino e lutava contra os conflitos entre árabes e israelenses, mostrando-se a favor da criação de um único estado envolvendo Israel, Faixa de Gaza e a Cisjordânia, onde esses povos árabes e judeus pudessem viver em harmonia e gozando dos mesmos direitos, sem qualquer distinção.

Em 1978, Said publica sua obra mais importante: *Orientalismo*, onde analisa como o Ocidente inventou o Oriente de modo a caracterizá-lo como o Outro afim de que essa diferenciação e categorização agissem a favor do colonialismo ou então como um lugar cheio de criaturas exóticas, onde as aventuras e os romances nascem e florescem.

Said, aos 67 anos, em novembro de 2003, falece vítima de um câncer, em Nova Iorque. Além do *Orientalismo*, escreveu obras como *Cultura e Imperialismo*, de 1993, e *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, de 2000.

3. A SELVA E SUA INVERSÃO DE PAPÉIS.

A Selva é um romance português escrito e lançado nas primeiras décadas do século XX por Ferreira de Castro e narra a trajetória de Alberto, um jovem imigrante português que vive isolado na região norte do Brasil devido a suas ideias monarquistas em uma República Portuguesa recém-proclamada.

Após viver um tempo com seu tio, Alberto é contratado para trabalhar em um seringal no coração da floresta Amazônica, de onde planejava conseguir riquezas. A extração de látex era uma das principais fontes de

trabalho na região da Amazônia naqueles anos iniciais do século XX, portanto a proposta de emprego lhe pareceu bastante sugestiva e agradável aos olhos, mesmo sendo uma alternativa que, de início, não lhe apreciava tanto os olhos: “Está bem, tio; irei!” (CASTRO, 1958, p. 89), disse o protagonista.

“Alberto levantou-se, encheu de água, no lavatório, as mãos em concha e levou-as ao rosto, um duas, muitas vezes. Sentia um calor aflitivo quase febre, ante o novo rumo que a sua vida ia tomar.

Não o atraíam esses rios de lendárias fortunas, onde os homens se enclausuravam do mundo, numa labuta para a conquista do ouro negro – e até onde os ecos da civilização só chegavam mui difusamente, como de coisa longínqua, inverossímil quase. [...] Fora assim que seu tio enriquecera einha já duas quintas em Portugal; fora assim que pobretanas sem eira nem beira se transformavam, dum instante para o outro, em donos de “casas aviadoras”, tão poderosas que sustentavam no dédalo fluvial grande frota de “gaiolas”” (CASTRO, 1958, p. 89-90)

A Amazônia, os seus segredos e as suas riquezas eram o chamariz perfeito para homens que buscavam riquezas e, conseqüentemente, a ascensão social. No próprio romance de Ferreira de Castro, a região é caracterizada como um verdadeiro “el dorado”, onde “dramas anônimos, dos logros feitos à gente rude que ia desbravando, com desconhecido heroísmo, a selva densa e feroz” (CASTRO, 1958, p. 91).

A desilusão com seu futuro no seringal, no entanto, começou ainda mesmo antes de chegar ao seu destino final: embarcado no porão fétido da terceira classe de um navio que seguia pelo Rio Madeira, Alberto viveu os primeiros de longos dias de agonia na sua jornada que durará até o fim do romance.

O protagonista do romance, como bem sabemos, é europeu; um português que, mesmo longe da pátria, carrega consigo os orgulhos de sua origem. Exilado no Brasil, país que foi colonizado por Portugal por mais de trezentos anos, impondo sua língua, costumes e religião, Alberto, agora já no *Justo Chermont*, sente-se deslocado e fora de lugar em meio às dezenas de homens brasileiros – em sua maioria, homens nordestinos – que, embarcados, seguem rumo ao mesmo destino que ele: o seringal Paraíso.

Em certa ocasião, logo após a partida do *Justo Chermont*, Alberto começa a se questionar sobre a aventura que está iniciando. Afastando-se

cada vez mais de sua pátria e pensando no que viverá durante a viagem e quando chegar ao seu destino final, o protagonista se pergunta se ele um dia voltará e como voltará ao seu país natal.

Durante a viagem, manteve-se calado o máximo possível, evitando qualquer contato com os demais homens que o acompanhavam na viagem. No trecho que destacarei a seguir, podemos ver como Alberto se sentia a respeito desses homens, de seus comportamentos e de como atos simples vindos deles eram um verdadeiro desrespeito para o português.

“A sua epiderme de civilizado contraía-se sob o asco que o convés imundo lhe insuflava; o seu espírito sentia-se estranho, quase inimigo daquelas vidas que o cercavam, resignadas ao destino e alheias a tudo que não fossem imposições do corpo.

Magoava-o a facilidade com que os outros recrutados se adaptavam e dormiam tranquilamente – um sono que era, para o egoísmo dele, quase uma afronta.

Sorria, depreciativamente, ao pensar no apostolado da democracia, nos defensores da igualdade humana, que ele combatera e que o haviam atirado no exílio. Retóricos, retóricos, perniciosos! Tudo teorias sem expressão real, palavras farfalhantes, ôcas e inúteis. Queria vê-los ali, ao seu lado, para lhes perguntar se era com aquela humanidade primária que eles pretendiam restaurar o mundo.”
(CASTRO, 1958, p. 100-101)

Com esse trecho, podemos observar a resistência de Alberto em se enxergar como um semelhante às dezenas de seringueiros que o acompanhavam no *Justo Chermont*, ou seja, a dificuldade em reconhecer que, a partir do momento em que aceitou a proposta de trabalhar no seringal, se converteu no “Outro”.

Em sua obra *Orientalismo*, logo nas primeiras linhas, Edward Said nos diz que o “Oriente era praticamente uma invenção europeia e fora desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências imaginárias.” (SAID, 2007, p. 27). Podemos observar, então, que o autor evidencia a invenção do Oriente foi feita pelos europeus, ou seja, por aqueles que, durante séculos, colonizaram diversas civilizações ao redor do mundo, inclusive o Brasil, terra onde se passa o romance de Ferreira de Castro e onde ele viveu e trabalhou durante seus anos de adolescência.

Ao olharmos o “oriente” de Said como os povos marginalizados, periféricos e “culturalmente inferiores” aos olhares europeus, fica claro que,

para Alberto, seu “orientado” era, sim, a Amazônia e os “orientais” eram seus companheiros seringueiros. O protagonista português se sente deslocado em meio àquela gente tão distante de sua realidade eurocêntrica e mantém grande resistência em reconhecer que, ali, ambos estavam em pé de igualdade: eram subalternos de alguém maior, como colonizados submissos ao seu colono.

Sobre o “Oriente” - ou os povos colonizados – em relação ao Ocidente, Said complementa:

“O Oriente não é apenas um adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, [...] o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência constantes. Mas nada nesse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia. O Orientalismo expressa e representa essa parte em termos culturais e mesmo ideológicos, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais.” (SAID, 2007, p. 27-28)

E assim segue Alberto no navio rumo ao seringal, sempre resistindo em se enxergar como o Outro; o submisso. Sua posição não era boa e suas condições eram completamente desfavoráveis, porém esperava desde o início que fosse tratado com diferença dos demais homens que o acompanhavam. Seu tio mesmo havia falado a Balbino que lhe “fornecessem comida de primeira” (CASTRO, 1958, p. 105”, mas, obviamente, o pedido não fora atendido. Vejamos, já a bordo do Justo Chermont, a situação de Alberto:

“E quedava-se, de novo resignado, a aguardar Balbino, a vê-lo já chegar, a vê-lo apertar-lhe a mão e dizer-lhe: “Faça favor... Venha comer”. E não era só a morte da fome; era a consideração que o gesto do outro lhe daria entre o rebanho, era a desforra daquela indiferença que o envolvia.” (CASTRO, 1958, p. 108)

E a narração da cena continua, onde Alberto, após fazer o possível para se fazer notar pelo Balbino, desiste e parte para a fila, onde receberá e comerá a mesma comida dos nordestinos.

“Com o desejo de se fazer lembrado, Alberto foi colocar-se no caminho que Balbino devia percorrer para alcançar de novo a escada. Mas o expediente tornou-se inútil: o outro passou hirto, severo, sem dizer uma palavra e afastando

os olhos quando, na travessia, eles se encontraram com os do faminto. [...] Alberto sentia impulsos de morder as próprias mãos, de despedaçar, de dilacerar fosse o que fosse, transformando em energia a sua impotência. A humilhação lhe dava cóleras mesquinhas, desejos vis e ignaros. E a crise só terminou ao fechar do dia, quando, com a fadiga do espírito e dos nervos, surgiu a tristeza da vida e a imperativa realidade.

Na penumbra dos corredores começaram a esboçar-se os que iam formar cortejo junto ao caldeirão fumegante onde se racionava o jantar de cada um. E ele foi também estender o seu mísero prato de folha à colheira que o copeiro agitava.” (CASTRO, 1958, p. 108-109).

Said escreve que, acima de tudo, quando se aproxima do Oriente, um europeu ou norte-americano primeiro se aproxima como um europeu ou norte-americano e somente em seguida como um indivíduo. (SAID, p. 39). No caso de Alberto, ser português o fazia sentir-se maior e superior que os demais, portanto era perfeitamente plausível que seu tratamento fosse diferenciado dos outros homens. Como vimos no trecho citado acima, ele pensava que sua alimentação seria melhor que a de seus companheiros, mas, ao mergulhar naquela situação, converteu-se a um simples funcionário. Era natural a Alberto pensar naquelas pessoas como “inferiores” e “sem civilização”, uma vez que ele, como europeu, era o indivíduo “civilizado”.

“um ocidental branco de classe média acredita ser sua prerrogativa humana não só administrar o mundo não branco, mas também possuí-lo, só porque por definição “esse mundo” não é tão humano quanto “nós” somos. Não há exemplo mais puro do pensamento desumanizado.” (SAID, 2007, p.161).

Agora, no entanto, já não era mais ele o superior, o colonizador, tampouco o que administraria aquele mundo não branco; era agora o submisso; colonizado, parte daquele mundo.

O romance segue e Alberto finalmente chega ao Paraíso, onde seu trabalho realmente começa. Sempre resistindo à sua condição, ele teima em se enxergar e se aceitar como aqueles homens comparados no romance a rebanhos e escravos. É nesse momento que somos apresentados a Juca Tristão, dono do seringal e patrão de Alberto. O proprietário do Paraíso logo se pergunta sobre o que fazer com aquele português; estrangeiro. Alberto não era bem vindo naquele lugar.

Vemos, a partir da chegada dos seringueiros, a relação de poder entre Juca e os demais trabalhadores do Paraíso. Era ele quem avaliava o trabalho dos seringueiros e dava-lhes o pagamento. Em determinada cena, quando chega a vez de Alberto ser aviado por Juca, foi recebido e tratado com arrogância, hostilidade e saiu de lá humilhado pelo brasileiro.

“-Você está a dar cabo da estrada! Se não tinha jeito para cortar seringa ou se não queria, não viesse para cá, que ninguém cá precisava de você. Não se acredita que um homem que vem de Portugal seja mais bestalhão que um cearense. Só lhe digo uma coisa: se você continua a matar os paus, eu não lhe vendo nem mais um litro de farinha!

- Não é má vontade, senhor Juca... – murmurou Alberto, açaimando os nervos e impondo uma serenidade que não tinha.” (CASTRO, 1958, p. 183)

Pouco importava para Juca Tristão a presença de Alberto no seringal. Quando diz que “ninguém cá precisava de você”, muito além do protagonista do romance, Juca mostra que todos aqueles homens que estavam ali eram substituíveis. Ele não precisava verdadeiramente deles, pois, se quisesse, poderia arranjar outros.

O patrão mantém um relacionamento com seus subordinados de completo desdém. Trata-os como criaturas não-humanas; simples objetos que estão ali para trabalhar para ele, sendo facilmente alteráveis quando já não servissem mais ou quando não atendiam as expectativas. O sistema de exploração que existia no seringal, a cada página, aproxima-se mais do sistema colonial. Temos, portanto, os seringueiros representando os colonizados e o patrão Juca Tristão representando o desumano colonizador. Como escreve Edward Said, “a Europa estava sempre numa posição de força, para não dizer de dominação. [...] O oriental é irracional, depravado, infantil, “diferente”; o europeu é racional, virtuoso, maduro, “normal”.” (SAID, 2007, p. 73).

O romance segue seu curso até chegar ao seu desfecho, onde Juca Tristão é morto por Tiago, um homem idoso que fora escravizado no século XIX. Com isso, dá-se a vitória dos seringueiros explorados e maltratados sob o patrão carrasco de desumano. No entanto, a liberdade dos brasileiros humilhados no Paraíso é, também, a liberdade de Alberto, o português, verdadeiro colonizador europeu introduzido naquele ambiente, para ele, tão hostil.

Representando um “oriente” distante do convencional, Ferreira de Castro nos mostra os martírios que viveu no seringal sob a perspectiva

de um português fugido de sua nação. Sentindo na pele as vivências de um colonizado, Alberto sofreu as atrocidades desumanas que homens nordestinos sofriam no sistema da exploração e extração do látex no coração da Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando mostrar as dificuldades que passou na infância no seringal Paraíso e também as dificuldades que os seringueiros continuavam a passar no processo de extração do látex na floresta amazônica, Ferreira de Castro foi além e apresentou ao seu leitor, majoritariamente português, uma perspectiva pós-colonial d' *A Selva* onde há uma inversão de papéis entre colonizador e colonizado.

Quando determina que o papel do sofredor e do Outro em seu romance será o português exilado, o autor mostra ao seu público as dificuldades passadas por toda uma classe de trabalhadores, que, se não fosse esse protagonismo europeu, provavelmente nunca saberiam da existência. Alberto é ao mesmo tempo o colonizador europeu e o Outro, bem como Juca Tristão.

Ferreira de Castro, ao escrever sobre suas experiências de infância e adolescência no árduo trabalho na amazônia brasileira, escreveu também sua obra prima. Sintetiza bem as reais condições do que acontecia nos escondidos e distantes seringais da Amazônia, mostrando suas crueldades e perigos através de uma escrita bela e objetiva. É, sem dúvidas, um grande romance da literatura portuguesa e também um grande exemplar da literatura sobre a amazônia.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Jaime. Ferreira de Castro: O homem e as obras. In: **Ferreira de Castro. Obra Completa, Volume I**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958

CASTRO, FERREIRA DE. **Ferreira de Castro. Obra Completa, Volume I**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**.
8 ed. Porto: Porto Editora, 1975.

VALLE, Camila do. Literatura da Amazônia - dificuldades do surgimento e
classificação de um campo. **Plural Pluriel: Revue des cultures de langue
portugaise**, França, vol. 13, n. 9, outono./inverno. 2015. Disponível em:
[http://www.plural.digitalia.com.br/index6c09.html?option=com_content&
view=article&id=377:literatura-da-amazonia-dificuldades-do-surgimento-e-
classificacao-de-um-campo&catid=81:numero-9-amazonies-bresiliennes&l-
temid=55](http://www.plural.digitalia.com.br/index6c09.html?option=com_content&view=article&id=377:literatura-da-amazonia-dificuldades-do-surgimento-e-classificacao-de-um-campo&catid=81:numero-9-amazonies-bresiliennes&Itemid=55) Acesso em 18 de outubro de 2021.